

O SR. AMARAL PEIXOTO (MDB — RJ) — Mas, vou continuar, V. Exª há de permitir que eu continue a ler para mostrar a monstruosidade que está se fazendo.

O Sr. Marcos Freire (MDB — PE) — Permite V. Exª um aparte, ilustre Senador?

O SR. AMARAL PEIXOTO (MDB — RJ) — Tem a palavra.

O Sr. Marcos Freire (MDB — PE) — Evidentemente que a análise de V. Exª está fazendo, vai muito além dos aspectos jurídicos ou judiciais, propriamente ditos, do processo instaurado. V. Exª analisa, com muita propriedade, o aspecto político da denúncia feita. V. Exª analisa o caráter evidentemente intimidativo da iniciativa governamental, porque está visto que nesta época pré-eleitoral, tem-se procurado usar de todos os meios disponíveis para intimidar direta ou indiretamente aqueles que querem expressar livremente os seus pensamentos. Quanto ao conteúdo da matéria publicada, não é de admirar que os jornalistas responsáveis por ela venham a ser como que responsabilizados, embora outros que escrevem iguais coisas não o sejam. Porque todos os dias estamos assistindo, inclusive, a fatos dessa natureza. Jornais como a *Tribuna da Imprensa*, são impedidos de publicar matérias que são devidamente transcritas em outros periódicos. Portanto, a censura que se estabelece contra a imprensa no Brasil é, além de absurda, discriminatória, porque se proíbe a alguns aquilo que se permite a outros. São outros modos de intimidar, e V. Exª está trazendo ao conhecimento da Casa uma dessas maneiras de que se tem lançado mão para restringir a livre manifestação do pensamento. A Casa tem que agradecer a V. Exª, que assim, se faz porta-voz dessa denúncia que é uma denúncia de novas restrições às liberdades públicas neste País.

O SR. AMARAL PEIXOTO (MDB — RJ) — Muito obrigado pelo aparte de V. Exª

Quero ainda mostrar um outro artigo que também foi apontado na denúncia: "A Nova Disparada", de autoria do presidente da sociedade, diretor do jornal, Paulo Antônio Carneiro Dias. Esse artigo é do começo do ano, só agora veio à tona.

"Os índices do custo de vida, já divulgados, revelam que até 20 de novembro a alta foi quase de 32%. No princípio do ano (de 1975), este jornal previu elevação no trimestre que a carestia atingiria 35%. Foi aceitando a realidade que o Governo concedeu o abono de emergência. . ."

Não há uma intenção de agredir o Governo, reconhece que o Governo deu os 10%, mas que são insuficientes.

O artigo terminava do seguinte modo:

"Para completar o cerco a todas as classes sociais, que o Governo parece estimular, temos agora a majoração das passagens de trem."

Esta majoração das passagens de trem provocou na imprensa do Rio de Janeiro a maior reação.

"Somente na linha Rio—São Paulo o acréscimo foi de 60%. A poltrona passa de 25 cruzeiros para 40 cruzeiros. O trem suburbano passa de 50 centavos para 60 centavos. De modo que 1 cruzeiro não dará para o barnabé e o trabalhador fazer a sua viagem de ida e volta. Assim, nessa marcha, quando começar o pagamento restante de 20% dado pelo Governo, agora liberado em gota homeopática, só servirá para asseverar a disparada do custo de vida."

Isso foi considerado altamente subversivo.

Ainda há um outro artigo sobre a Igreja dizendo que o memorial em defesa do Nordeste, que tem sido tão comentado aqui no Senado Federal pelos representantes do Nordeste, apresentado pela maioria dos arcebispos e bispos da região, deixou a conclusão de que alguma coisa de errado está acontecendo, principalmente em relação à SUDENE.

Os nossos eminentes Senadores do Nordeste deveriam ser processados pelo mesmo motivo, porque aqui se têm referido repetidas vezes a isso.

E termina depois de comentar algumas ações do PROTERRA, citou o nobre Senador Marcos Freire, e termina:

"A participação social do sacerdote, fora dos palácios, riquezas, será a atualidade da nossa Igreja, que representará em pouco tempo, o poder moderador e atual de todas as reivindicações populares."

Há alguma ameaça nisso? Há algum incitamento à subversão?

Agora, na denúncia ainda é citado como pertencendo ao jornal, um jornalista que não é identificado pelo redator do jornal, e que ele apurou depois de trabalhar nas *Vozes de Petrópolis*; As *Vozes de Petrópolis* pertencem aos Franciscanos. É um jornal da Igreja Católica, um dos mais antigos também de Petrópolis, uma publicação, se não me engano, mensal, que os Franciscanos fazem em Petrópolis. Esse jornalista trabalha nessa publicação e é apontado aqui como obrigado, escondido na redação do *Diário de Petrópolis*.

Sr. Presidente, não podia deixar de trazer esses fatos ao conhecimento do Senado e, através do Senado, da Nação. São fatos da maior gravidade, que representam não uma ameaça a esse diário, que é um valoroso jornal, mas acho que a toda a imprensa brasileira. Era o que tinha a dizer. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Há mais de um século, precisamente em 31 de maio de 1869, assim se expressava José de Alencar, falando na Câmara dos Deputados:

"Não desejava ocupar a atenção desta augusta Câmara com a minha pessoa, especialmente em circunstâncias em que assuntos de tanta importância reclamam todo o zelo e meditação dos legisladores do país. Não somente estou desde muito acostumado à injustiça de meus adversários e até algumas vezes a de meus correligionários, como, e é esta a principal razão, entendo que nenhum indivíduo tem o direito de antepor sua individualidade às grandes questões de interesse nacional."

Hoje, entretanto, pretendo falar justamente de José de Alencar e de uma injustiça com que, no meu entender, ainda uma vez será ferido o incontestado criador da literatura brasileira. Não terá ela, porém, o meu voto, e espero que também não tenha o do Senado. Está em andamento nesta Casa, após aprovado pela Câmara dos Deputados, um projeto do honrado Deputado Alberto Lavinias, declarando Machado de Assis Patrono das Letras do Brasil. Membro da Academia de Letras, da qual foi ele fundador e primeiro Presidente até a morte, autor de modesta biografia do grande romancista, teria eu todos os motivos para aplaudir e secundar a iniciativa do ilustre Deputado.

Infelizmente, por uma questão de consciência, não o posso fazer. Para mim, o verdadeiro, o autêntico, o real Patrono das nossas letras é José de Alencar.

O Sr. Mauro Benevides (MDB — CE) — Permite V. Exª um aparte, eminente Senador Luiz Viana?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Com muita honra.

O Sr. Mauro Benevides (MDB — CE) — Senador Luiz Viana, como cearense não poderia deixar de manifestar o meu apoio a essa posição assumida por V. Exª, neste instante, no momento em que, publicamente, se coloca contrário a esta proposição de autoria do ilustre Deputado Alberto Lavinias, do Rio de Janeiro, que pretende

atribuir a Machado de Assis a condição de Patrono da Literatura Brasileira. Sabe V. Ex^a, e a Casa também, que tenho por Machado de Assis a mais profunda admiração, tanto assim que, naquela memorável Sessão de 6 de maio, quando se comemorou o Sesquicentário do Senado Federal, fiz questão de citar expressamente Machado de Assis no velho Senado, quando ele enforcava passagens da antiga Câmara do Senado. Sabe V. Ex^a, também, que o próprio Machado de Assis tinha por José de Alencar o maior apreço e a maior consideração, tanto assim que ao investir-se na cadeira da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis escolheu José de Alencar para patrono de sua cadeira. Faz V. Ex^a, realmente, muito bem em resguardar essa posição de José de Alencar como Patrono da Literatura brasileira, reconhecendo, também, que Machado de Assis é merecedor das honras e dos aplausos de todos os brasileiros

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Muito grato a V. Ex^a

Continuando, Sr. Presidente. É um título que ninguém lhe pode disputar. Não se trata de saber se ele é, ou não, o maior dos nossos romancistas, o mais fecundo dos nossos escritores. Muito menos de estabelecer um confronto entre os dois escritores que tanto enaltecem o Brasil. Até porque, se o fizéssemos, bem difícil seria saber-se qual o mais eminente, tal a altitude alcançada por ambos no cenário das nossas Letras. Não se trata, porém, de um confronto, mas de atribuir a um deles o lugar que lhe compete na vida, na história e na formação de nossas Letras.

O que afirmo, é ser José de Alencar o incontestado criador, fundador, iniciador de uma literatura nacional, verdadeiramente brasileira. Pelos motivos da sua imensa obra, pelo estilo que criou, pela língua que usou, foi ele, deliberadamente, o pioneiro, o bandeirante de uma literatura brasileira, autônoma, libertada dos laços que a prendiam a Portugal. Por ela se empenhou, por ela sofreu e por ela venceu, sendo, ainda hoje, o mais lido, o mais admirado, o mais compreendido pelo povo brasileiro. E o primeiro a reconhecê-lo e proclamá-lo seria Machado de Assis, que jamais se cansou de louvar e reconhecer em José de Alencar o patrono de nossas Letras. Tanto que, ao se fundar a Academia Brasileira de Letras, o escolheu para patrono da própria cadeira, dando oportunidade a que Afrânio Peixoto, por ocasião do centenário do autor de *Iracema*, assim se externasse: "nenhum outro tanto como ele, conjuntamente, a maior figura da literatura nacional, como nós o vemos, como o viu sempre o povo brasileiro, como o depôs numa sentença Machado de Assis, inscrevendo-lhe o nome na primeira e maior das cadeiras da Academia Brasileira, a sua, padroeiro do nosso patrono".

De fato, se há um título que se não pode negar a José de Alencar, e não se pode atribuir a nenhum outro, é esse de patrono das nossas Letras. Passados os ressentimentos, as hostilidades, os ciúmes, que tanto lhe rondaram a vida laboriosa e inflexível, seguiu-se o reconhecimento nacional à figura do fundador da literatura brasileira.

O Sr. Virgílio Távora (ARENA — CE) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Com muito prazer, nobre Senador.

O Sr. Virgílio Távora (ARENA — CE) — V. Ex^a está numa tarde feliz porque, justamente, com a autoridade que tem e ao mesmo tempo com a seriedade em que trata do assunto, máxime, assuntos destes de literatura, recoloca o problema no seu verdadeiro ponto. Daquilo que o próprio Machado de Assis reconheceu em José de Alencar o autor do projeto, por melhores que sejam as suas intenções, se esqueceu, ultrapassando, justamente, a própria opinião do homenageado. Como cearense e como brasileiro, só podemos nós agradecer a V. Ex^a essa contribuição que traz à Casa, certo que estamos, de que a Liderança do nosso Partido como a Liderança do Partido da Oposição e esta Casa, em si, farão justiça a este homem que, realmente, sem sombra de dúvida, criou a literatura brasileira.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Muito obrigado a V. Ex^a

Se me permitido invocar algumas opiniões ilustres, que depõem o melhor do que eu. Começarei por lembrar Gustavo Barroso, que a ele assim se refere: "pioneiro de um mundo literário novo entre nós. Marcou uma época e determinou uma corrente pela imaginação e pelo espírito de nacionalidade". Esse espírito de nacionalidade que é realmente a marca maior e inconfundível de José de Alencar. Ouçamos agora Clóvis Bevilacqua: "O brasileiro irradia de todos os seus livros, e o fez ver, não um Brasil triste pelo esgotamento a que o levasses a ambição e a concupiscência, mas um povo bom de virtudes másculas..." E Augusto de Lima: "Foi o criador do romance nacional... O nacionalismo preocupava José de Alencar, através de todos os gêneros e aspectos dos seus romances, ainda nos assuntos..." Mais peremptório é Sílvio Romero: "Alencar criou, com base mais lendária do que histórica, o mundo poético e heróico de nossas origens, para afirmar a nossa nacionalidade, para provar a existência de nossas raízes legitimamente americanas. E mais: percebeu que não era possível haver independência cultural e literária, se continuássemos a escrever segundo os modelos portugueses, em desacordo com a nossa própria realidade lingüística."

Não foi por acaso que Alencar desvendou os caminhos de uma literatura verdadeiramente brasileira. Longe disso, tudo quanto criou seria o fruto de meditada determinação. "Sua preocupação, observou Gladstone Chaves de Melo, era criar um estilo brasileiro, um modo de escrever que refletisse o espírito do nosso povo, as particularidades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro."

Na realidade, a ambição de lançar os fundamentos literários de algo que fosse nosso, brasileiro, é uma constante em toda a obra de Alencar. Em Jacinto Prado Coelho, ilustre erudito português, encontramos estas observações sobre o nosso romancista:

"Sua predileção por essa forma literária (o romance), resultou de paciente preparação, à qual também se deve, em parte, a formação de uma consciência literária caracteristicamente brasileira. Tanto do ponto de vista estrutural quanto do temático, foi a obra de José de Alencar que forneceu ao romance brasileiro, então recente criação do Romantismo, os elementos necessários ao seu desenvolvimento; e graças a ela, às soluções novas que apresentou, a que se explica o aparecimento, ainda no século XIX, de um escritor da categoria de Machado de Assis e de outros que, aprofundando perspectivas alencarianas, estabeleceram uma linha de tradição novelística, da qual resulta o romance brasileiro atual, particularmente o chamado romance do Nordeste."

O Sr. Mauro Benevides (MDB — CE) — Permita-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Com prazer, Senador.

O Sr. Mauro Benevides (MDB — CE) — Senador Luiz Viana, mais uma vez interiro no pronunciamento de V. Ex^a para louvar esta posição que V. Ex^a assume, sobretudo pela oportunidade. V. Ex^a sabe que seria profundamente estranhável e injusto que às vésperas do primeiro centenário de morte de José de Alencar, a ocorrer a 12 de setembro do próximo ano, nós permitíssemos que o Congresso Nacional perpetrasse esta injustiça àquele grande e exponencial vulto das letras brasileiras. V. Ex^a conhece aquela dúvida que assaltou, certa vez, o espírito de José de Alencar levando-o a Visconde da Taunay para extravasar a sua dúvida quanto à repercussão da sua obra literária. José de Alencar dizia para Visconde de Taunay: "Você acha que chegarei a atingir à posteridade?" Nós hoje constatamos, Senador Luiz Viana, no pronunciamento de V. Ex^a, que, realmente, José de Alencar chegou à posteridade engrandecido, inclusive, pelo brilhante pronunciamento de V. Ex^a, na tarde de hoje, no Senado Federal. Tenho absoluta certeza de que a proposição a que V. Ex^a alude não haverá de encontrar acolhida por parte da Câmara Alta do País.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Agradecido a V. Ex^a

Não há como negar que em Alencar, nos seus romances, no seu estilo, da sua língua, mergulham as raízes das letras verdadeiramente brasileiras. É ele o fundador, o desbravador, o criador. E para isso preparou-se ele acuradamente. Agripino Grieco, freqüentemente severo, escreveu que Alencar "estudava e escrevia sempre, tendo, em rapaz, versado os escritores clássicos, talvez pelo prazer de vir a escrever de outra forma, de ser o iniciador do nosso dialeto literário, de criar, para uma idêia nossa, a nossa verdadeira expressão verbal". Ao que acrescentou: "Continua a ser uma espécie de conterrâneo nosso e, ante a variedade com que tratou a gente brasileira de Norte a Sul, uma espécie de conterrâneo de todos nós". É que os personagens de Alencar, vindos de todos os quadrantes do País, da sua história e das suas lendas, sensibilizaram de maneira singular a imaginação do povo brasileiro. Por isso mesmo não envelhecem. Permanecem vivos, atuais, integrados na alma dos brasileiros. É ele, possivelmente, ainda hoje o mais lido dos nossos escritores. Agripino Grieco chegou mesmo a fazer esse confronto entre ele e Machado de Assis: "Dos seus quase coetâneos ou sucessores imediatos, nenhum dispôs de tantas virtudes no sentido de agradar simultaneamente a intelectuais e a homens do povo. Machado, frio e incisivo em soberbos aforismas de antologia, não deixou tipo que não fosse um autorretrato e todos os que sabem quem foi Ceci, mal chegam a saber quem foi Capitu".

Realmente, havendo sido o primeiro dos nossos grandes escritores a libertar-se dos modelos estrangeiros, para falar numa língua brasileira sobre tipos brasileiros, atingiu como nenhum outro a imaginação e a sensibilidade nacionais. Quis abrir novos caminhos, e verdadeiramente os abriu, possibilitando que por eles avançassem uma literatura cujas raízes se encontram em solo americano.

Concluo, Sr. Presidente, invocando ainda Machado de Assis:

Nesse propósito ninguém sequer o igualou. E aí a razão de ser ele o autêntico e indiscutido Patrono de nossas letras, como bem o atesta, nesta página de justiça, o grande Machado de Assis: "Nenhum escritor — escreveu ele sobre José de Alencar — teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e sentir que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas... O nosso Alencar — continua, ainda, Machado de Assis — juntava a esse dom a natureza dos assuntos tirados da vida ambiente e da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu gênio era mais vigorosa e mais íntima". Impossível dizer melhor do que nessa síntese perfeita que José de Alencar, sem sombra de dúvida, é, por justiça, o incontestável Patrono das letras do Brasil

Bem sabemos todos nós quanto a injustiça, sob várias formas, amargurou a vida de José de Alencar, inclusive barrando-lhe o passo à legítima pretensão de pertencer ao Senado do Império. Não desejo que mais uma se consuma com o meu voto, por maior que seja a minha admiração por Machado de Assis. O próprio Machado não o desejaria, sentindo-se honrado em que seja reconhecido como Patrono de nossas letras a quem ele, como fruto de uma constante e reiterada admiração, escolhera para patrono da sua cadeira na Academia Brasileira. Não tenhamos qualquer vacilação em proclamar que José de Alencar é, por muitos títulos, o verdadeiro Patrono nas letras brasileiras. (Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

COMPARECEM MAIS OS SRs. SENADORES:

José Guimard — Evandro Carreira — José Esteves — Fausto Castelo-Branco — Helvídio Nunes — Petrónio Portella — Jessé Freire — Domício Gondim — Paulo Guerra — Teotônio Vilela — Gilvan Rocha — Lourival Baptista — Vasconcelos Torres — Gustavo Capanema — Itamar Franco — Otto Lehmann — Mendes Canale — Saldanha Derzi — Lenoir Vargas — Otair Becker — Daniel Krieger — Paulo Brossard — Tarso Dutra.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Sobre a mesa, comunicações que serão lidas pelo Sr. 1^o Secretário.

São lidas as seguintes

Em 1^o de setembro de 1976.

Do Vice-Líder da Minoria
Ao Excelentíssimo Senhor
Senador Magalhães Pinto
DD. Presidente do Senado Federal

Senhor Presidente:

Nos termos do § 1^o do art. 10 do Regimento Comum do Congresso Nacional, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência, para os devidos fins, que esta Liderança deliberou propor a substituição do nobre Senhor Senador Ruy Carneiro, pelo nobre Senhor Senador Benjamim Farah, na Suplência da Comissão Mista do Congresso Nacional que dará parecer sobre o Projeto de Lei nº 11, de 1976 (CN) (Mensagem nº 65, de 1976 (CN), que "estima a receita e fixa a despesa da União para o exercício financeiro de 1977").

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos da mais alta estima e distinta consideração. — Itamar Franco, Vice-Líder.

Em 1^o de setembro de 1976

Do Vice-Líder da Minoria
Ao Excelentíssimo Senhor
Senador Magalhães Pinto
DD. Presidente do Senado Federal

Senhor Presidente:

Nos termos do § 1^o do art. 10 do Regimento Comum do Congresso Nacional, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência, para os devidos fins, que esta Liderança deliberou propor a substituição do nobre Senhor Senador Gilvan Rocha, pelo nobre Senhor Senador Mauro Benevides, como Titular e Suplente na Comissão Mista do Congresso Nacional que dará parecer sobre o Projeto de Lei nº 11, de 1976 (CN) (Mensagem nº 65, de 1976 (CN), que "estima a receita e fixa a despesa da União para o exercício financeiro de 1977").

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos da mais alta estima e distinta consideração. — Itamar Franco, Vice-Líder.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — A Presidência acolhe as comunicações referidas.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — O Sr. Senador Vasconcelos Torres encaminhou à Mesa requerimento de informações.

Nos termos do inciso VI do art. 239 do Regimento Interno, o requerimento será examinado pela Presidência.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Está encerrado o período destinado ao Expediente.

Estão presentes, na Casa, 58 Srs. Senadores.

Passa-se à

ORDEM DO DIA

Item 1:

Votação, em turno único, do Requerimento nº 382, de 1976, do Senhor Senador Dinarte Mariz, solicitando a transcrição, nos Anais do Senado Federal, da Ordem do Dia baixada pelo Ministro do Exército, General Sylvio Frota, assinalando a passagem do "Dia do Soldado".

Em votação o requerimento.

Os Srs. Senadores que o aprovam, queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

Será feita a transcrição solicitada.